



EUA e Irã correm para salvar a trégua

O vice de Trump chefia delegação enviada ao Paquistão para nova rodada de negociações com Teerã. Cessar-fogo de 15 dias vale até quarta-feira, sem sinal claro de acordo definitivo à vista

Amir Qureshi/AFP



Preparativos para receber outra rodada de conversações em Islamabad: cessar-fogo se aproxima do fim sem sinais de acordo de paz definitivo

O Paquistão preparava-se ontem para receber mais uma rodada de negociações de paz entre Estados Unidos e Irã, uma semana depois de uma primeira investida diplomática — frustrada — em busca de um acordo capaz de encerrar o conflito iniciado em 28 de fevereiro. A Casa Branca confirmou a presença do vice-presidente J. D. Vance, aguardado na capital paquistanesa, Islamabad, na noite de hoje, à frente de uma delegação que deve incluir o enviado especial Steve Witcoff e o genro do presidente Donald Trump, Jared Kushner. Da parte iraniana, já na madrugada de hoje (horário local), a imprensa oficial indicava que “não havia planos” de participar do encontro. Na quarta-feira expira o cessar-fogo de 15 dias anunciado na noite do último dia 7, a poucas horas de um ultimato em que Trump ameaçava “exterminar a civilização” persa.

O fim de semana foi dominado por notícias contraditórias e trocas de acusações em torno do bloqueio naval recíproco mantido por forças norte-americanas e iranianas no Golfo Pérsico. Trump denunciou uma “flagrante violação” da trégua pelo Irã, que renovou o fechamento do estratégico Estreito de Ormuz e fez disparos de advertência contra dois navios de bandeira indiana. O governo de Teerã, por sua vez, aponta como violação da trégua a decisão dos EUA de impedir a passagem de embarcações comerciais que tenham origem ou destino em portos iranianos. O próprio presidente norte-americano anunciou, no fim da tarde, que um destróier de sua força-tarefa teria disparado contra um cargueiro iraniano que, supostamente, tentava driblar o bloqueio, no Golfo de Omã. A embarcação teria sido abordada, e o Irã prometeu uma “resposta breve” ao ataque.

Em mensagem que postou na própria plataforma de rede social, a Truth Social, Trump retomou as ameaças que antecederam o cessar-fogo. Uma vez mais, advertiu que as forças dos EUA estariam prontas para “explodir o país inteiro (Irã)”, com centrais elétricas, pontes e outras instalações de infraestrutura na mira. Em sua

postagem, ele resgatou o tom de mensagens anteriores aos esforços diplomáticos. “Se eles não aceitarem um acordo (definitivo), será minha honra fazer o que precisa ser feito, o que deveria ter sido feito ao Irã por outros presidentes nos últimos 47 anos”, escreveu. “Chega de ser bonzinho!”, advertiu.

“Armadilha”

O domingo chegou ao fim, no Oriente Médio, sem resposta formal do governo iraniano quanto à participação na nova

rodada de conversações em Islamabad. Embora não houvesse de início uma data certa para o encontro, a delegação norte-americana era esperada para esta noite. Em Teerã, o presidente do parlamento, Mohammad Bagher Ghalibaf, que encabeçou a equipe de negociadores na rodada inicial, frisou que restam “numerosas divergências”. Entre as principais, o destino a ser dado para os estoques iranianos de urânio enriquecido, que Trump alega ter “acertado” de levar para os EUA.

“Como é possível que o presidente dos EUA afirme que o Irã não deve exercer seus direitos nucleares sem explicar por quê?”, questionou o presidente da República Islâmica, Masoud Pezeshkian. Ele se referia à condição do país, como signatário do Tratado de Não Proliferação (TNP) de armas atômicas, e portanto autorizado a dominar o ciclo completo do combustível nuclear. “Não há perspectivas claras de que as negociações (no Paquistão) sejam frutíferas”, ratificou a agência oficial Irna.

Vali Nasr, professor iraniano de relações internacionais na universidade americana Johns Hopkins, apontou que o regime iraniano acreditava, ao anunciar a reabertura do Estreito de Ormuz, na sexta-feira, que “os EUA levantariam seu bloqueio” aos portos iranianos. A manutenção da medida, reafirmada ontem por Washington, “apenas alimentou a suspeita (de Teerã) de que as conversações de Islamabad não passam de uma artilhanha diplomática antes de outro ataque militar”, acrescentou estudioso na rede social X.

Choques no Líbano

O Exército israelense voltou a bombardear ontem o sul do Líbano, pela primeira vez desde o cessar-fogo que entrou em vigor às 0h de sexta-feira, em resposta à morte de um militar, na véspera, em ação atribuída ao braço armado do movimento xiita Hezbollah. O sargento Lidor Porat, reservista de 31 anos, viajava em uma viatura destruída por um artefato explosivo plantado à beira da estrada — tática usual da milícia pró-iraniana desde a ocupação militar israelense entre 1982 e 2000. Outros nove militares foram feridos, e dois deles foram transportados de helicóptero para tratamento em Israel.

“O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu e eu demos instruções às tropas (no Líbano) para que atuem com força total, tanto por terra quanto pelo ar, inclusive durante o cessar-fogo, para proteger nossos soldados diante de qualquer ameaça”, disse o ministro da Defesa, Israel Katz. Ele confirmou a ordem de demolir casas em aldeias próximas à fronteira “que serviam, em todos os sentidos, como postos avançados do terrorismo do Hezbollah e ameaçavam as comunidades israelenses” no norte do país.

Na sexta-feira, primeiro dia da trégua, outro reservista, o sargento Barak Kalfon, 48 anos, morreu em circunstâncias semelhantes, durante uma operação em um edifício na vila de Jebbayn. Com os últimos incidentes, sobe para 15 o número de soldados israelenses mortos no Líbano desde o início de março, quando o Hezbollah se somou ao Irã após os ataques coordenados dos EUA e de Israel à República Islâmica.

O cessar-fogo, negociado com o governo libanês sem participação da milícia xiita, com o governo de Netanyahu sob pressão americana, foi recebida com revolta nas comunidades do norte israelense, alvo recorrente de mísseis e foguetes disparados pelos guerrilheiros do sul libanês. Moradores da cidade de Kiryat Shmona protestaram contra a trégua com uma paralisação, alegando que a medida não eliminou a ameaça e impediu o retorno de centenas de habitantes que tiveram de deixar suas casas.

Se eles não aceitarem um acordo, será minha honra fazer o que precisa ser feito. Chega de ser bonzinho!”

Donald Trump, presidente dos EUA

Como é possível que o presidente dos EUA afirme que o Irã não deve exercer seus direitos nucleares?”

Masoud Pezeshkian, presidente do Irã

ESTADOS UNIDOS

Oito crianças mortas por atirador

Oito crianças, com idades entre um e 14 anos, foram mortas ontem em um tiroteio em Shreveport, no estado norte-americano de Louisiana. A autoridade local descreveu o episódio como uma “ocorrência de violência doméstica”. Os policiais disseram que o incidente começou por volta das 5h (8h em Brasília). Um único atirador, identificado como Shamar Elkins, baleou 10 pessoas antes de fugir em um carro roubado. O suspeito foi morto quando tentava escapar da polícia.

“Temos famílias sofrendo, temos policiais sofrendo, funcionários do instituto médico-legal sofrendo”, disse o prefeito de Shreveport, Tom Arceneaux. “A comunidade de Shreveport está de luto e tenta lidar com a tragédia sem sentido de hoje. Por

favor, junte-se a nós em oração, especialmente pelas famílias das vítimas e por todos os socorristas envolvidos”, publicou no X Mike Johnson, presidente da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos. “Acabei de falar com o prefeito de Shreveport sobre a situação e sobre as várias agências de segurança envolvidas na investigação, para oferecer qualquer ajuda que possamos oferecer.”

A polícia não identificou as vítimas, mas informou que pelo menos algumas das crianças eram parentes do assassino, e que esperavam informar as famílias antes de divulgar as identidades. “Essa é uma situação trágica, talvez a pior que já tivemos em Shreveport”, acrescentou o prefeito.

A polícia informou que o crime foi praticado em diferentes casas, duas

no mesmo quarteirão e a terceira residência no bairro, na Harrison Street. Chris Bordelon, um dos agentes, disse em coletiva que os policiais foram a uma casa pouco antes das 6h e encontraram as crianças. Ele afirmou que a ocorrência era de “natureza doméstica” e acrescentou que uma das pessoas baleadas na casa fugiu para uma residência próxima. Após o tiroteio, o suspeito roubou um veículo e começou a fugir. Bordelon disse que os agentes o perseguiram até outro bairro, onde foi baleado e morto.

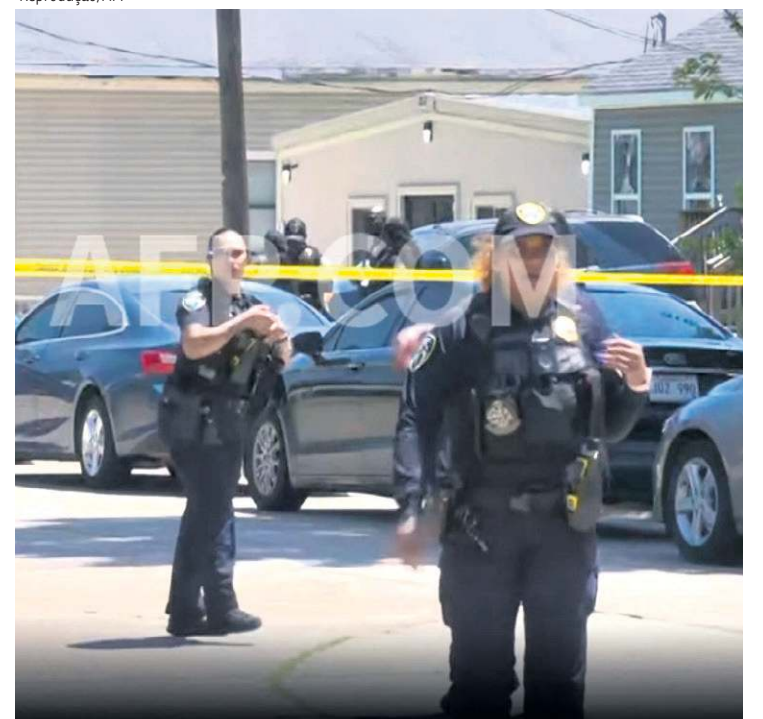
Segundo o veículo local KTBS, o atirador tinha antecedentes criminais e em 2019, ele foi preso sob acusação de uso ilegal de armas e porte de arma de fogo em propriedade escolar.

“Eu simplesmente não consigo imaginar como um evento desses

pode acontecer”, afirmou o chefe da polícia de Shreveport, Wayne Smith. Ele acrescentou que a investigação está sendo conduzida em coordenação com a Polícia Estadual da Louisiana. “Vamos trabalhar pelo tempo que for necessário para obter respostas sobre o que aconteceu”, prometeu. O governador da Louisiana, Jeff Landry, disse que ele e a esposa estão “de coração partido com essa situação horrível”.

O incidente é o tiroteio em massa mais letal nos EUA desde janeiro de 2024, quando oito pessoas foram mortas em Joliet, no estado de Illinois, de acordo com o Gun Violence Archive (GVA), organização sem fins lucrativos que monitora a violência armada no país.

Reprodução/AFP



A polícia de Shreveport isola uma das casas onde ocorreu o tiroteio